



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I**

**CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS - ESPANHOL**

**THÉRCIO DE ALCÂNTARA FARIAS**

**A INTERFERÊNCIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E DO PRECONCEITO  
LINGUÍSTICO NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESPANHOLA**

**CAMPINA GRANDE - PB  
2022**

THÉRCIO DE ALCÂNTARA FARIAS

**A INTERFERÊNCIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E DO PRECONCEITO  
LINGUÍSTICO NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESPANHOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado à Coordenação do Curso de  
Letras Espanhol da Universidade  
Estadual da Paraíba, como requisito  
parcial à obtenção do título de  
Licenciatura Plena em Letras Espanhol.

**Orientador:** Profa. Dra. Gilda Carneiro Neves Ribeiro.

**CAMPINA GRANDE - PB  
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F224i Farias, Thercio de Alcantara.

A interferência da variação linguística e do preconceito linguístico na aprendizagem de língua espanhola [manuscrito] / Thercio de Alcantara Farias. - 2022.

22 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Espanhol) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação , 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Gilda Carneiro Neves Ribeiro ,  
Coordenação do Curso de Letras Espanhol - CEDUC."

1. Língua espanhola. 2. Variação linguística. 3.  
Preconceito linguístico. 4. Aprendizagem. I. Título

21. ed. CDD 410

THÉRCIO DE ALCÂNTARA FARIAS

A INTERFERÊNCIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E DO PRECONCEITO  
LINGUÍSTICO NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESPANHOLA

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado à Coordenação do Curso de  
Letras Espanhol da Universidade  
Estadual da Paraíba, como requisito  
parcial à obtenção do título de  
Licenciatura Plena em Letras Espanhol.

Aprovada em: 30/03/2022

**BANCA EXAMINADORA**

*Gilda Carneiro Neves Ribeiro*

---

Profa. Dra. Gilda Carneiro Neves Ribeiro (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*Alessandro Giordano*

---

Prof. Me. Alessandro Giordano  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*Luanda Calado de Santana*

---

Profa. Ma. Luanda Calado de Santana  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este TCC primeiramente à Deus, a minha mãe, a orientadora e aos professores por todo apoio e ensinamentos necessários que me fizeram chegar até aqui.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>6</b>
<b>2</b>	<b>LÍNGUA E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA</b> .....	<b>7</b>
2.1	O QUE SE ENTENDE POR LÍNGUA? .....	7
2.1.1	<b>Variação linguística: consequência do processo de evolução da língua</b> .....	<b>8</b>
2.1.2	<b>Adequação e aceitabilidade</b> .....	<b>9</b>
<b>3</b>	<b>PRECONCEITO LINGUÍSTICO</b> .....	<b>10</b>
3.1	O PRECONCEITO EM RELAÇÃO AO PORTUGUÊS AFETA A APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA .....	10
3.1.1	<b>Língua, cultura e identidade: uma relação de interdependência</b> .....	<b>12</b>
<b>4</b>	<b>ENSINO DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA (ELE)</b> .....	<b>14</b>
4.1	DA TEORIA SOCIOCULTURAL AO PAPEL DO PROFESSOR .....	14
4.1.1	<b>Políticas linguísticas e o ensino de espanhol</b> .....	<b>18</b>
<b>5</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	<b>20</b>
<b>6</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>20</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>21</b>

## A INTERFERÊNCIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESPANHOLA

Thércio de Alcântara Farias<sup>1</sup>

### RESUMO

A variação linguística e o preconceito linguístico, devido à perspectivas equivocadas relacionadas a ambos os termos, afetam o desenvolvimento da aprendizagem de língua espanhola, uma vez que podem provocar no aluno, uma ausência do desejo de aprender a língua. Uma das perspectivas é ver a língua como homogênea, visto que a Espanha possui uma política mais estruturada devido à criação do Instituto Cervantes, que se sobressai em relação aos países latino-americanos, e é por este motivo, que o ensino de espanhol no Brasil evidencia a variante peninsular. O objetivo deste trabalho, mediante pesquisa bibliográfica, com base nos estudos de alguns autores como Bagno (2014; 2015), Costa (2008), Arostegui (2013) entre outros, é solucionar o bloqueio do aluno para com a aprendizagem e gerar no professor o interesse por uma autoavaliação da sua forma de ensino, para que este atue no combate ao preconceito linguístico e, também, faça com que o aluno através do contato com outras culturas, construa novas identidades e consiga se comunicar em diferentes contextos comunicativos. Deste modo, um ensino marcado pela interculturalidade, que abrange as variações da língua espanhola de forma aprofundada, que rompe com a ideia da homogeneidade linguística e que inclui o uso de ferramentas mediadoras que deixam as aulas ainda mais interativas, contribui consideravelmente para alcançar os objetivos citados.

**Palavras-chave:** Língua Espanhola. Variação Linguística. Preconceito Linguístico. Aprendizagem.

### RESUMEN

La variación lingüística y el prejuicio lingüístico, debido a perspectivas equivocadas relacionadas con ambos términos, afectan el desarrollo del aprendizaje de la lengua española, ya que pueden provocar en el estudiante una ausencia del deseo por aprender el idioma. Una de las perspectivas es ver la lengua como homogénea, ya que España tiene una política más estructurada debido a la creación del Instituto Cervantes, que se destaca en relación a los países latinoamericanos, y es por eso que la enseñanza del español en Brasil destaca la variante peninsular. El objetivo de este trabajo, a través de una investigación bibliográfica, a partir de los estudios de algunos autores como Bagno (2014; 2015), Costa (2008), Arostegui (2013) entre otros, es resolver el bloqueo del estudiante en aprender y generar al profesor el interés por una autoevaluación de su forma de enseñar, de forma que ésta actúe en la lucha contra los prejuicios lingüísticos y, además, haga que el alumno, a través del contacto con otras culturas, construya nuevas identidades y sea capaz de comunicarse en diferentes contextos comunicativos. De este modo, una enseñanza marcada por la interculturalidad, que abarque en profundidad las variantes de la lengua española, que rompa con la idea de homogeneidad lingüística y que incluya

---

<sup>1</sup> Graduando do curso de Letras – Espanhol da Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.  
E-mail: thercio2008@hotmail.com

el uso de herramientas mediadoras que hagan las clases aún más interactivas, contribuye considerablemente a conseguir los objetivos citados.

**Palabras clave:** Lengua Española. Variación Lingüística. Prejuicio Lingüístico. Aprendizaje.

## 1 INTRODUÇÃO

A interferência da variação linguística e do preconceito linguístico, na aprendizagem de língua espanhola, pode provocar uma rejeição no aluno em querer aprender a língua estrangeira (LE) e conseqüentemente dificultar a comunicação entre aprendizes e nativos da língua espanhola. Este tipo de preconceito pode ser proveniente de concepções equivocadas no que se refere à língua, como por exemplo, considerar a língua como homogênea. Portanto, acreditar na homogeneidade da língua significa desconsiderar as variações linguísticas.

O ensino de espanhol como língua estrangeira (ELE) no Brasil, principalmente por questões relacionadas a políticas linguísticas, prioriza a variante peninsular. Neste sentido, manter este ensino voltado totalmente para o espanhol da Espanha, por considerá-lo como a única forma “correta” da língua, desconsiderando as variações linguísticas e acreditando na homogeneidade da língua, consiste em alimentar o preconceito linguístico. Desta forma, os aprendizes terão dificuldade na comunicação com os falantes de fora da Espanha, visto que a língua espanhola está presente em mais de 20 países. Além disso, o preconceito linguístico é responsável pelo desinteresse em aprender uma língua estrangeira, em virtude da concepção que a maioria dos brasileiros (os de baixo poder aquisitivo e baixo nível de escolarização) possui, de que não sabem sua língua materna.

Sabe-se que existem muitos empenhos para combater os mais diversos tipos de preconceito. O preconceito linguístico é o que menos tem sido afetado por estes combates. Em contrapartida, é intensificado cada vez mais através da mídia, da escola, dos materiais didáticos, e também dos próprios professores. Aprender uma língua estrangeira e manter contato com outras culturas contribui para a construção e reconstrução da identidade do indivíduo. No entanto, muitas vezes são situações vistas como algo muito distante de alcançar, em virtude da exclusão social, da falta de interesse em aprender uma nova língua, da falta de uma educação de qualidade etc., causadas pelo preconceito linguístico e pela perspectiva que muitos têm sobre as variações linguísticas, considerando-as como inferiores, erradas, ou até mesmo, feias. A importância de se estudar este tema, é que ele tem grande relevância em nossa atualidade, pelo fato de promover o combate ao preconceito linguístico e inverter positivamente as conseqüências ocasionadas por ele, tais como, o interesse do aluno referente à aprendizagem de ELE, a abertura de portas para o mercado de trabalho e a promoção das relações do aprendiz com indivíduos pertencentes a outras culturas.

Desta forma, para compreender mais sobre como o preconceito linguístico e a variação linguística interfere na aprendizagem de língua espanhola, partiremos das teorias de alguns autores como Costa (2008), Arostegui (2013), Figueiredo (2019), Soares (2012) e principalmente Bagno (2014; 2015), para discutir tanto sobre língua, quanto sobre a conseqüência do processo de evolução da língua, a fim de entender sobre o preconceito linguístico e de que maneira ele interfere na aprendizagem da língua estrangeira, para que dessa forma, possam ser

encontradas alternativas que ajudem a combatê-lo, com a finalidade de solucionar não só o bloqueio gerado no processo de ensino e aprendizagem da língua, como também todos os outros problemas causados por este tipo de preconceito e por não dar a mesma importância às demais variações da língua.

## 2 LÍNGUA E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

### 2.1 O QUE SE ENTENDE POR LÍNGUA?

Nós nos comunicamos porque, ainda crianças, através do convívio com outros indivíduos, internalizamos normas que compõem o sistema linguístico. Costa (2008) relata que estas normas não se referem às regras normativas que estão presentes nas gramáticas. Se estivéssemos nos referindo a estas regras normativas criadas pelos teóricos especialistas, o indivíduo que não as conhecesse não conseguiria se comunicar. Sendo assim, as normas que constituem o sistema linguístico estão relacionadas com a forma pela qual a língua se manifesta.

Podemos lembrar que o sistema fonológico de uma língua pode ser expresso não a partir de uma substância sonora, mas, por exemplo, a partir de sensações visuais (movimento dos lábios). É desse modo que, em geral, as pessoas surdas de nascença aprendem o sistema de uma determinada língua sem nunca ter ouvido seus sons. (COSTA, 2008, p. 115).

A partir desta concepção, Costa (2008) ainda destaca que o Linguista Ferdinand de Saussure enfatizou a ideia de que estas normas são consideradas os princípios de funcionamento para que o sistema linguístico seja constituído e passe a funcionar de forma coerente. A língua apresenta definições que variam de linguista para linguista. Desta forma,

Se a linguista A. vê na língua um fenômeno social, cultural, político, a concepção de língua que ela vai produzir será marcada por essa perspectiva, por esse *ponto de vista*. Se o linguista B., por sua vez, considera que a língua é um dado biológico, que já vem embutido na nossa estrutura genética, é claro que seu conceito de língua será expresso de acordo com essa visão (BAGNO, 2014, p.21, grifo do autor).

De acordo com a abordagem estruturalista de Saussure, a língua é compreendida como forma, estrutura. A partir deste ponto de vista, para estudar e compreender a língua deve ser desconsiderado tudo o que for extralinguístico e considerar apenas as relações internas, uma vez que o sistema linguístico é estrutura, ou seja, composto por regras para que opere de forma coesa.

O ponto de vista de Bagno (2014) em relação à língua é como um fenômeno de cognição social, pelo fato de ela existir no cérebro de cada pessoa. Além disso, é necessária a interação com outros indivíduos na sociedade para ativá-la. Neste sentido, ao considerar uma interação dos envolvidos na sociedade, sua visão sobre a língua se distancia da perspectiva de Saussure porque assim, passa a considerar fatores extralinguísticos.

Pensando um pouco no ensino de Espanhol como Língua Estrangeira (ELE) baseado nessa ótica, é necessário estimular o uso da língua através da interação com o professor e entre os próprios alunos, mediante atividades com diálogos,

leituras entre outras atividades que sejam possíveis para trabalhar as quatro habilidades linguísticas (falar, escutar, ler e escrever), para que desta forma a língua seja ativada em um processo contínuo no decorrer das aulas. Logo, é fundamental planejar uma aula dinâmica com materiais que prendam a atenção dos alunos, principalmente quando se fala de uma língua estrangeira, pois pelo fato de muitos professores se limitarem a ensinar gramática na maioria das aulas, acaba gerando um bloqueio e desmotiva o aluno em aprender línguas estrangeiras.

Diante de diversas definições a respeito da língua, nos perguntamos, qual é a mais correta? “[...] Todas, desde que cada uma delas seja um construto intelectual coerente, com princípios e postulados que não se contradigam e que, pelo contrário, sirvam de alicerce e argamassa para o edifício teórico” (BAGNO, 2014, p. 21).

Em resumo, o ponto de vista que os linguistas adquirem em relação à língua é o que irá defini-la, e isso explica a existência de diversos conceitos. Deste modo, enquanto Saussure vê a língua como estrutura, a perspectiva de Bagno, que utilizaremos como suporte ao longo do texto, abarca os fatores extralinguísticos, como por exemplo, o de caráter social e cultural. No entanto, a concepção de Bagno não é mais correta que a de Saussure e vice-versa, cada uma delas contribuiu para o edifício teórico.

### **2.1.1 Variação linguística: consequência do processo de evolução da língua**

A língua evolui juntamente com os desenvolvimentos cognitivos e culturais de uma determinada comunidade. Está sempre em um processo de mudança sem fim e, é neste processo que surgem as variações linguísticas que como a própria expressão já apresenta explicitamente, significa que a língua pode mudar, sofrer variações, ou seja, pode apresentar distintas formas para dizer o mesmo.

Saussure não investigou a língua apenas em um determinado momento, mas também em sua evolução. Estas investigações foram definidas como estudo sincrônico e diacrônico. A análise da variação de palavras que são usadas para definir a mesma coisa em um determinado tempo é considerada um estudo sincrônico. Por outro lado, a análise da trajetória de mudança de uma palavra é considerada como estudo diacrônico porque diz respeito à evolução.

Em referência ao estudo sincrônico, o autor apresenta em uma de suas discussões sobre língua e variações que,

[...] num mesmo período da história de qualquer língua, convivem lado a lado formas conservadoras e formas inovadoras, porque toda e qualquer língua viva apresenta variação, ou seja, toda e qualquer língua viva vai dispor de formas variantes de se dizer a mesma coisa (BAGNO, 2014, p. 82).

Em relação ao diacrônico, podemos tomar como exemplo a evolução do pronome de tratamento do espanhol, “vos” que passou a ser “vuestra merced”, caiu em desuso e resultou na forma “usted”. Assim sendo, analisando evoluções como estas, ocorridas ao longo do tempo, desenvolve-se um estudo diacrônico, no que diz respeito à perspectiva de Saussure.

Arostegui (2013) traz a ideia de que as variações de uma língua podem ser resumidas em variação individual ou de grupo, quando dizem respeito às características individuais dos falantes de uma determinada comunidade e às

situações de comunicação em que se encontram estes falantes; a variação em uma mesma língua, que se refere aos processos históricos de mudança, ou seja, à evolução e variação entre línguas, pela qual já se incluem investigações mais detalhadas sobre tipologia linguística.

Neste sentido, percebemos que as variações estão diretamente relacionadas às condições sócio-contextuais em que os indivíduos estão inseridos. Portanto, a variação não é livre e estará relacionada a este contexto. Em outras palavras, significa dizer que a variação não ocorre por uma simples ação de um único indivíduo no que se refere à mudança, mas de toda uma comunidade de falantes inseridos em uma sociedade; logo, as variações linguísticas estão relacionadas com os fatores sociais.

Segundo Hernández Campoy e Almeida (*apud* AROSTEGUI, 2013, p. 211),

[...] no existe la variación libre, como tal, sino la variación social y/o contextualmente condicionada, donde cada variante ha de describirse en términos de frecuencia de uso atendiendo a factores sociales tanto adscritos (sexo, grupo generacional, raza, etnia, casta, etc.) como adquiridos (nivel socio-económico, nivel de formación educativa, etc.) y/o contextuales (situaciones o estilos: hay hablantes que utilizan una variante predominantemente, y hay quienes pueden presentar una variación esporádica con las frecuencias de uso de ambas formas.

Em razão dos amplos fatores sociais que contribuem para o processo de mudança da língua, as variações linguísticas podem ser classificadas como diatópicas, diastráticas e diafásicas. As variações diatópicas classificam-se em virtude do espaço geográfico, podemos utilizar como exemplo *pajita* (Espanha, Uruguai, Argentina), *popote* (México), *absorbente* (Cuba), que em português significa canudo. As diastráticas se referem aos aspectos sociais como idade, profissão, sexo, etnia, entre outros. Podemos citar como exemplo a linguagem dos grupos de policiais, advogados, surfistas, inclusive pessoas mais velhas e crianças. As variações diafásicas possuem relação com o contexto comunicativo, ou seja, é a situação em que o falante se encontra no discurso que vai determinar o seu modo de falar. Neste sentido, em um bate-papo entre amigos, a linguagem utilizada será informal, já em uma apresentação de um trabalho acadêmico, a situação, neste contexto comunicativo, pede uma linguagem formal para que seja compreensível para todos e adequada ao tipo de evento.

### 2.1.2 Adequação e aceitabilidade

Nas inúmeras situações comunicativas que ocorrem a todo instante no nosso dia-a-dia estão presentes diversas variações linguísticas, sejam elas diastráticas, diatópicas ou diafásicas. Em decorrência disto, surge uma questão que deve ser desconstruída que é referente à noção de erro, visto que não existe uma variante certa e outra errada ou que uma seja melhor que a outra. De acordo com Bagno (2015, p. 73), “[...] Toda variante linguística atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a emprega. Quando deixar de atender, ela, inevitavelmente, sofrerá transformações para se adequar às novas necessidades”.

Com efeito, fica claro o processo contínuo de mudança da língua, que estará sempre ocorrendo quando a variedade não atender mais às necessidades linguísticas do falante de uma língua viva. Deste modo, toda e qualquer língua viva será heterogênea, apresentando assim variações. Sendo assim, o brasileiro aprendiz de espanhol como língua estrangeira internaliza a concepção equivocada de que uma expressão qualquer, que é pronunciada de diversas maneiras a depender do país, está errada caso não seja pronunciada da forma que ele aprendeu, por acreditar na homogeneidade da língua, e também devido a perspectivas errôneas referentes à língua portuguesa, que serão tratadas no próximo capítulo.

Segundo Bagno (2015, p. 177), “[...] erra-se ao tocar piano, erra-se ao dar um comando ao computador, erra-se ao falar/escrever uma língua estrangeira, erra-se ao escrever porque a escrita é um aprendizado secundário”. Por tudo isto, o que estamos tratando aqui referente à noção de erro quando se fala em língua estrangeira é que uma palavra pode ser pronunciada por um aprendiz de ELE de forma incorreta sim, só que quando ele pronuncia, por exemplo, a palavra “calle” da forma em que se fala na argentina e que na Colômbia a pronúncia é outra, ele não pode considerar esta outra forma errada. É, portanto, nesta perspectiva, que devemos sim, abandonar a noção de erro.

Em síntese, diante de uma quantidade imensa de variantes linguísticas, o falante de uma língua deve buscar um equilíbrio quanto aos seus usos a depender do contexto e situação comunicativa. Bagno (2015, p. 184, grifo do autor) afirma que, “Usar a língua, tanto na modalidade oral como na escrita, é encontrar o ponto de equilíbrio entre dois eixos: o da *adequação* e o da *aceitabilidade*”. Quer isto dizer, que é a condição em que o sujeito se encontra que vai determinar se é adequado e aceitável usar alguma variação ou o tipo de linguagem (formal ou informal).

### 3 PRECONCEITO LINGUÍSTICO

#### 3.1 O PRECONCEITO EM RELAÇÃO AO PORTUGUÊS AFETA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Bagno (2015) ressalta que não tem como conter o preconceito linguístico porque ele está internalizado no ser humano e é uma crença pessoal. O que tem como combater é a discriminação referente ao preconceito, que contribui para que ele se torne uma prática, e para que esta prática ocorra através da Língua. Assim, o sujeito pode até achar uma pronúncia mais correta que outra ou que a palavra “calabaza” que no Brasil significa abóbora é correta e que a forma “zapallo” é errada ou ainda que um sotaque seja mais bonito que outro. Mas, não deve manifestar este sentimento preconceituoso porque ele se torna discriminatório e, na maioria das vezes, se não em todas, é acompanhado por etnocentrismo e xenofobia.

A discriminação relacionada ao preconceito linguístico (assim como todas as suas outras formas existentes) deve ser combatida, e para que isto ocorra, o primeiro passo é identificá-la nas nossas falas e nas dos outros. Em seguida o indivíduo que a pratica deve ser avisado, despertado para o problema, e incentivado a buscar informações acerca do assunto para que em outras situações discursivas ele tente não cometer o mesmo erro. Na escola, através do professor durante o processo de ensino-aprendizagem, deve ocorrer a conscientização do professor para com o aluno, referente a falas e atitudes preconceituosas, e orientação quanto à existência das variações e seus respectivos usos.

No ambiente escolar,

[...] É muito comum verificar entre professores de inglês, francês ou espanhol um grande desânimo diante das dificuldades de ensinar o idioma estrangeiro. E é mais comum ainda ouvir eles dizerem: “Os alunos já nem sabem português, imagine se vão conseguir aprender outra língua”, fazendo a velha confusão entre *língua* e *gramática normativa* (BAGNO, 2015, p. 52, grifo do autor).

Bagno traz essa discussão bastante interessante a respeito da confusão que os próprios professores de língua estrangeira causam entre língua e gramática normativa e, que nos leva a refletir que saber uma língua não significa saber a sua estrutura presente na gramática normativa, ou seja, suas regras. A organização estrutural linguística vai sendo internalizada de maneira natural à medida que se vai aprendendo, isso quando se fala em língua materna ou quando você está inserido em um território em que se fala a língua que se quer aprender. Neste caso, a língua vai sendo adquirida junto com as regras que compõem a estrutura.

Os professores devem ter consciência de que o que eles falam tem influência direta na vida do aprendiz. Dizer que os alunos não sabem nem sua língua materna e, conseqüentemente, não aprenderão uma língua estrangeira é um tanto cruel, porque informações como essa se espalham de forma tão grande e rápida que chegam aos próprios alunos, que poderão ter o seu aprendizado afetado, uma vez que ao ouvir relatos como este, o aluno pode ficar desinteressado em aprender a língua estrangeira. Além do mais, é importante ressaltar que por trás dessa colocação por parte de alguns professores há discriminação linguística. Dessa forma, nem os próprios docentes estão isentos deste preconceito e é necessário um processo de autoconscientização, pois para identificar seus traços na fala dos alunos, primeiramente é necessário reconhecê-los em si mesmo.

O brasileiro tem a ideia de que “falar correto” é falar da forma que as pessoas com maior poder aquisitivo falam, devido às melhores condições educacionais. No entanto, fazer uso de uma variação linguística que não é a que as pessoas de maior prestígio sociocultural, indivíduos que têm um maior nível de escolarização utilizam, não significa que o falante fala de maneira errada a sua língua materna.

O preconceito linguístico está enraizado na sociedade e é propagado de várias formas, seja através da escola, dos meios de comunicação ou até mesmo dos livros didáticos. Uma vez que, estão sempre enaltecendo a gramática normativa e fazendo com que a língua que de fato é falada, seja considerada errada por aqueles que ainda não têm conhecimento de que a língua é heterogênea e que está em constante evolução.

Para que haja uma desconstrução deste tipo de preconceito, principalmente em relação à perspectiva que muitos têm da língua portuguesa, é necessário levar em conta questões como a de que a língua evolui de forma frequente, que apresenta variações linguísticas, que o português não é difícil, ou seja, não confundir regra gramatical com a língua realmente falada. Por consequência, permitirá que os alunos tenham uma nova visão a respeito das línguas estrangeiras e despertem o desejo de aprendê-las.

Como efeito do processo de desconstrução do preconceito linguístico, é possível que a comunicação com os povos de diferentes nacionalidades que têm a

língua espanhola como língua materna seja facilitada, e que o ensino da língua seja aperfeiçoado e pautado em uma língua plural, heterogênea. No entanto,

[...] Não podemos ter a ilusão de querer acabar com ele de uma hora para outra, porque isso só será possível quando houver uma *transformação radical do tipo de sociedade em que estamos inseridos*, que é uma sociedade que, para existir, precisa da discriminação de tudo o que é diferente, da exclusão da maioria em benefício de uma pequena minoria, da existência de mecanismos de controle, dominação e marginalização (BAGNO, 2015, p. 196, grifo do autor).

Em suma, é inegável que o preconceito linguístico interfere negativamente no ensino e aprendizagem de língua estrangeira e para romper com as concepções que o intensificam, a autoconscientização é imprescindível. Ademais, se o aprendiz vê a língua espanhola como homogênea e visa aprender a variante da Espanha por considerá-la a única “correta”, “pura”, ele ficará aprisionado nesta bolha de concepções equivocadas a respeito da língua e isso, dificultará, ou seja, afetará a comunicação com tantos outros povos que compõem os países da América Latina e que falam a língua espanhola.

Diante disso, se faz necessário entender que o processo de combate ao preconceito linguístico é longo e que o professor tem uma função fundamental, devendo auxiliar os alunos a refletir sobre o que se deve ou não considerar, em relação à língua. Além disso, o professor deve estar sempre analisando a sua conduta em sala de aula, sempre que possível expandir o ensino da língua para além daquilo que lhe é cobrado, e estar sempre ressaltando e demonstrando a evolução da língua, não só para os alunos, mas, para aqueles que formam a escola e que cobram dos professores um ensino tradicional.

### **3.1.1 Língua, cultura e identidade: uma relação de interdependência**

A língua, a cultura e a identidade possuem uma relação de dependência mútua. Para entender essa relação, partiremos da concepção de Bagno (2014) a respeito da língua, considerando-a como um fenômeno de cognição social, sendo necessária a interação de indivíduos para acioná-la. Em relação à definição de cultura e identidade, encontra-se uma dificuldade, uma vez que são termos complexos, por englobar vários aspectos. Dessa forma, a definição de cultura e identidade varia de autor para autor.

No tocante à definição de cultura, Pereira (*apud* SOARES, 2012, p. 7), afirma que,

[...] os ingredientes fundamentais da cultura podem ser considerados sumariamente em três níveis: o natural, ou seja, os meios necessários à satisfação das exigências básicas – a alimentação, a habitação e o vestuário; o social ou os meios complementares à adaptação ao mundo e à vida – o divertimento, a arte, a justiça e a moral; o espiritual ou os meios de desenvolvimento prático e teórico e de transformação – as ideias, os mitos e as crenças. A cultura tem sido ainda compartimentada, nem sempre só com

objetivos metodológicos, em cultivada ou grande cultura<sup>2</sup>, popular e de massas. A cultivada ou grande cultura assume como características a originalidade, a autenticidade e a perenidade. Obviamente, resulta da criação de um autor ou artista quase sempre identificável. A popular, “pequena?” cultura, mantém daquela a perenidade e a autenticidade, garantidas na ingenuidade popular. A cultura de massas, sem perenidade, nem autenticidade, grau zero da cultura, emergiu, a nível planetário depois da dita Revolução Industrial, em que aquela se transformou em civilização.

Esta definição envolve todos os conceitos possíveis de cultura. Além disso, nos leva a pensar e reconhecer a cultura de uma forma plural, uma vez que, quando consideramos cultura no singular, é como se existisse uma única cultura em uma sociedade, ou seja, como se todas as pessoas tivessem os mesmos costumes e partilhassem dos mesmos referenciais culturais. No entanto, dentro de uma sociedade há vários subgrupos que partilham de interesses, costumes e crenças, mas, ainda assim, se deparam com situações em que um indivíduo concorda e que outro pode não concordar.

No que se refere à definição de identidade, Segundo Silva (*apud* COELHO e MESQUITA, 2013, p. 29), “é um significado – cultural e socialmente atribuído”. Neste caso, significa dizer que a identidade é construída socialmente através de interações e diálogos entre os sujeitos. Assim, a nossa identidade é construída a partir de processos de identificações que acontecerão conforme os cenários sociais nos quais estaremos inseridos. Portanto,

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que as nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu”. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, *apud* COELHO; MESQUITA, 2013, p. 29).

Há uma relação de interdependência entre língua, cultura e identidade. A língua não só influencia a cultura como também recebe influência da mesma. Além disso, a cultura é partilhada entre os indivíduos através da língua e esta é extremamente necessária para a compreensão da identidade de uma sociedade. A língua, cultura e identidade classificadas como fatores sociais, não são estáticas pelo fato de fazerem parte do indivíduo como ser atuante em sociedade, ou seja, estão em constante processo de mudança assim como o indivíduo. Neste contexto, reforçando ainda mais esse elo existente entre estes fatores, de acordo com Coelho e Mesquita (2013, p. 33),

---

<sup>2</sup> A grande cultura ou cultura cultivada é aquela “financiada” pelas elites e desenvolvida por intelectuais, pela classe média e também por artistas. Como exemplo, podemos citar as exposições artísticas.

[...] há uma relação intrínseca entre língua, cultura e identidade, haja vista que a língua identifica o indivíduo como parte de uma sociedade, inserindo-se, portanto, na cultura desta sociedade. O indivíduo, enquanto parte dessa sociedade, compartilhando sua cultura, está em constante processo de construção identitária.

Projetando estes conceitos para o ensino de espanhol como língua estrangeira, devemos considerar que o ensino deve ser pautado na interculturalidade, visto que, o professor trabalhando as variedades em sala de aula e desconstruindo o conceito de homogeneidade da língua, permite aos alunos não só entender o outro, mas identificar as semelhanças e diferenças em relação a sua cultura e à cultura do outro. Dessa forma, a interculturalidade se refere às relações sociais entre os indivíduos de diferentes culturas.

Não simplesmente entre “culturas” entendidas de modo abstrato. Valoriza-se prioritariamente os *sujeitos* que são criadores e sustentadores das culturas. As culturas não existem abstratamente. São saberes de grupos e de pessoas históricas, das quais jamais podem ser completamente separáveis. As pessoas são formadas em contextos culturais determinados. Mas são as pessoas que fazem cultura. Neste sentido, a estratégia *intercultural* consiste antes de tudo em promover a *relação entre as pessoas*, enquanto membro de sociedades históricas, caracterizadas culturalmente de modo muito variado, nas quais são sujeitos ativos. (REINALDO, 2007, p. 7, grifo do autor).

Deste modo, sendo o ensino de ELE, marcado pela pluralidade da língua, almeja-se “[...] despertar nos alunos a consciência da importância da diversidade, acumulando esforços em uma prática de ensino que os envolva em uma “atmosfera” de interculturalismo, esboçando um micro cenário do que é o complexo mundo hispânico” (ARAUJO; BUENO, 2014, p. 18). Além disso, é através do diálogo com o outro e da vivência no meio social em que estamos inseridos que construímos a nossa identidade e, encontrando-se diante de características culturais distintas das nossas, através desta vivência, nossa identidade será (re) construída.

O ambiente escolar, e o uso de ferramentas mediadoras em aula de espanhol como língua estrangeira, são alguns dos fatores que possibilitam que este diálogo e o contato com outras culturas, atuem na (re) construção da identidade do indivíduo. Em virtude deste convívio com diversas culturas, o aluno de ELE obtém uma nova perspectiva (que se desloca em direção contrária ao preconceito linguístico) sobre o indivíduo que possui características culturais diferentes das suas.

## **4 ENSINO DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA (ELE)**

### **4.1 DA TEORIA SOCIOCULTURAL AO PAPEL DO PROFESSOR**

Com relação ao processo de Ensino/Aprendizagem, nos perguntamos várias vezes durante o curso de formação de professores: porque ensinar uma língua estrangeira? Como ensinar? Devemos ensinar gramática? Qual o papel do professor

neste processo? Para estas perguntas, devemos obter as respostas antes mesmo de atuar em uma sala de aula voltada para o ensino de língua estrangeira.

Lev Semionovitch Vygotsky, através de pesquisas no âmbito da sua teoria sociocultural, contribuiu de forma muito significativa para o processo de Ensino/Aprendizagem tanto de língua materna como de LE. A teoria em pauta destaca a interação com o outro e com a cultura para o desenvolvimento cognitivo. Segundo Figueiredo (2019, p. 18), “Vygotsky percebia estreita relação entre aprendizagem e desenvolvimento. Ele afirmava que a aprendizagem escolar sempre tem uma história prévia, ou seja, a criança aprende e experimenta muitas coisas na idade pré-escolar”. Assim, da mesma forma que acontece com a criança acontece com o adulto. Ainda que o indivíduo não tenha conhecimento algum sobre a língua meta, ele fará o uso de estratégias devido a sua bagagem prévia e necessitará de mediações para o desenvolvimento cognitivo.

Em suas pesquisas, Vygotsky evidencia a língua como uma ferramenta de comunicação social e como uma ferramenta de comunicação psicológica no desenvolvimento e aprendizagem da criança. De acordo com Vygotsky (*apud* FIGUEIREDO, 2019, p.23, grifo do autor), “*as crianças resolvem suas tarefas práticas com a ajuda da fala, assim como dos olhos e das mãos*”. Para isso, ele traz recursos dos quais a criança faz uso (como a “fala privada”, “fala interior” e o “pensamento verbal”), durante a evolução da aquisição da língua até alcançar a autorregulação, que é quando a criança consegue desenvolver estratégias sem a ajuda de outro indivíduo, ou seja, de forma independente. A fala interior se refere a quando a criança fala consigo mesma através de seus pensamentos ao executar tarefas e é antecedida da fala egocêntrica que é quando esse pensamento é verbalizado, mas não direcionado a um interlocutor. Além do mais, a fala privada remete à repetição, tanto para interiorizar modelos linguísticos (palavras, expressões...) como para testar hipóteses sobre a língua estrangeira.

Após os estudos de Vygotsky sobre a teoria sociocultural, surgiram novas pesquisas e teorias, dentre elas a teoria da atividade desenvolvida por Leontiev, que tem como foco a atividade, a ação, o modo como o indivíduo age. Esta teoria foi sobreposta por alguns estudiosos no contexto de aprendizagem de LE. Gillette (*apud* FIGUEIREDO, 2019, p. 21), “[...] realizou um estudo em que investigou por que alguns alunos são bem-sucedidos e outros mal sucedidos no processo de aprendizagem de línguas”. Figueiredo (2019) aponta que a autora constatou que o uso sistemático de estratégias de aprendizagem dependerá do motivo pelo qual as pessoas terão que aprender outro idioma. Em outras palavras, as pessoas motivadas estarão mais comprometidas com o processo de aprendizagem do idioma do que aquelas que o aprendem apenas por obrigação ou devido aos requisitos do curso.

Dessa forma, há outras questões referentes ao ensino/aprendizagem de línguas que devem ser levadas em consideração. É necessário compreender que o conhecimento prévio do aluno influencia diretamente em sua aprendizagem, de modo que um mesmo exercício será respondido de diferentes formas em diferentes espaços de tempo, visto que nesse período, o aluno terá cargas de conhecimento prévio distintas. Além disso, alunos diferentes reagirão à mesma atividade de maneiras distintas, uma vez que eles terão sua própria bagagem de conhecimentos. Sob o mesmo ponto de vista, o indivíduo não possui um conhecimento concluído e nem sempre se encontrará como um “ser autorregulado” e necessitará fazer uso das estratégias anteriormente aprendidas por ele, sendo assim, estará sempre aprendendo.

A teoria sociocultural evidencia que até atingir a autorregulação, o aluno compartilha de interações com outras pessoas para conseguir realizar uma tarefa que não consegue desempenhar sozinho e essas interações junto com a fala, colaboram significativamente no desenvolvimento cognitivo. De acordo com Figueiredo (2019, p. 36), “A escola, por sua vez, contribui enormemente para esse desenvolvimento, por ser um local que possibilita a interação entre os alunos e entre eles e o professor”. Além do mais, essa interação geralmente ocorre através da fala e os próprios indivíduos atuam como mediadores na realização de alguma atividade. A mediação pode ser considerada como a intromissão de recursos intermediários (incluindo o próprio ser humano) na relação entre pessoas e coisas, com outras pessoas e até consigo mesmo.

No contexto de ensino/aprendizagem de LE, filmes, músicas, jogos, livros didáticos, possibilidades de interações, smartphones, computador, redes sociais etc, são algumas das ferramentas de mediação. Os alunos fazem o uso de estratégias mediadoras como,

[...] consultar dicionários, gramáticas, bem como fazer perguntas uns aos outros, pedir esclarecimentos, fazer uso da fala privada, conversar sobre a língua-alvo, usar figuras e mímicas, conversar sobre os procedimentos das tarefas, usar a língua materna etc (FIGUEIREDO, 2019, p.39).

As estratégias mediadoras estão relacionadas com o ‘fazer uso’ das ferramentas mediadoras, ou seja, com a ‘ação’. Além disso, Vygotsky elaborou o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) definindo como,

a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VYGOTSKY, 1998a, *apud* FIGUEIREDO, 2019, p. 42).

As interações enfatizadas na teoria sociocultural se integram justamente nesse conceito de ZDP definido por Vygotsky. Em outras palavras, entende-se por Zona de Desenvolvimento Proximal, o ‘espaço’ entre o que o indivíduo é capaz de realizar sozinho e o que ele é capaz de realizar com a ajuda de outra pessoa. Assim sendo, a ZDP do aprendiz pode ser notada em atividades realizadas em sala de aula no contexto de ensino/aprendizagem, sejam elas com a utilização de jogos ou que promovam interações entre os próprios alunos ou entre eles e o professor, ou atividades que se utilizem de outras ferramentas mediadoras.

A teoria Sociocultural de Vygotsky contribuiu consideravelmente para o ensino-aprendizagem de línguas e proporcionou o surgimento de novos estudos e novas teorias a respeito do assunto. De acordo com Paiva (2014), Krashen apresenta a hipótese do *input* em sua teoria de aquisição enfatizando que a única forma para adquirir a língua é através de *input* compreensível, ou seja, entendendo as mensagens que ele recebe sobre a língua-alvo. No entanto, através de outros estudos “Swain conclui que o *input* compreensível não é suficiente para a aquisição” (PAIVA, 2014, p. 115, grifo do autor).

Há situações em que por apenas estarmos recebendo input compreensível não conseguiremos dizer o que queremos na língua-alvo. Sendo assim, é necessária, também, nesse processo de aquisição/aprendizagem de língua estrangeira, a produção de *output compreensível*, que é entendida como a produção na língua que está sendo aprendida. No conceito de output não é considerado apenas o produto, mas, parte do processo de aquisição de línguas e, por isso, passou a ser denominado por Swain como *linguaging* (lingualização).

Ao produzir a língua-alvo (vocal ou subvocalmente), os aprendizes podem perceber a lacuna entre o que *querem* dizer e o que *conseguem* dizer, levando-os a reconhecer o que não sabem, ou sabem apenas parcialmente. Em outras palavras, sob algumas circunstâncias, a atividade de produção na língua-alvo pode instigar os aprendizes de segunda língua a reconhecerem conscientemente alguns de seus problemas linguísticos; pode trazer à atenção deles algo que precisam descobrir sobre sua L2 (Swain, 1993). Isso pode engatilhar processos cognitivos que podem gerar conhecimento linguístico novo para os aprendizes, ou consolidar conhecimento já existente (SWAIN, *apud* PAIVA, 2014, p. 116, grifo do autor).

Sob a perspectiva da teoria sociocultural e dos estudos de Krashen e Swain, a língua estrangeira no ambiente escolar é aprendida/adquirida por meio da interação professor-aluno, aluno-professor. Além disso, o professor deve fazer o uso de ferramentas mediadoras como filmes, músicas, livro didático, materiais lúdicos etc., porque além de beneficiar a aquisição/aprendizagem, chama a atenção e desperta o interesse do aluno em estudar a língua e ainda, promove a interculturalidade. E, entre tantas ferramentas, destaco atividades telecolaborativas como o teletandem. Por meio destas, alunos estarão em espaços geograficamente distintos, conectados por videoconferência e trocarão conhecimentos sobre suas línguas maternas e/ou uma língua estrangeira e até mesmo sobre áreas específicas.

Ensinar uma língua estrangeira é muito mais que beneficiar nossos alunos abrindo portas para o mercado de trabalho. O aprendizado de uma língua estrangeira amplia o desenvolvimento pessoal e cultural do indivíduo e o ajuda a enxergar e entender o outro por outra perspectiva. Dessa forma, é importante perceber o papel do professor e do aluno neste processo.

O professor não apenas transmite uma informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos. Deve dar-lhes atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se, a expor opiniões e dar respostas. O trabalho docente nunca é unidirecional. As respostas e as opiniões dos alunos mostram como eles estão reagindo à atuação do professor, às dificuldades que encontram na assimilação dos conhecimentos (LIBÂNEO, 2013, p. 275).

Portanto, o papel do professor não é só colocar um assunto gramatical no quadro e explicá-lo. Devemos ensinar conteúdos gramaticais? Com toda certeza. Porém, o papel do professor vai além, o professor deve promover a troca de conhecimento com seus alunos, saber equilibrar os conteúdos e sempre que possível, atrair a atenção deles para incentivá-los a continuar aprendendo e aumentar a carga de conhecimentos.

#### 4.1.1 Políticas linguísticas e o ensino de espanhol

A língua espanhola, que por muito tempo ficou “escondida”, reapareceu por volta dos anos 90 e desde então, vem se expandindo no cenário educacional. No Brasil, o ensino de espanhol como língua estrangeira avançou significativamente devido a criação do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) em 1991 pelos países: Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai e tendo os outros países da América do Sul como associados que buscam compartilhar interesses políticos, econômicos, culturais, etc. Em consequência, esta união dos países sul-americanos despertou o interesse quanto ao estudo da língua espanhola e, com efeito, aumentou a procura por professores e por materiais didáticos para serem explorados nas aulas.

Além do MERCOSUL, há outro elemento que contribuiu para o aumento e interesse pelo estudo do espanhol que foi a criação do Instituto Cervantes, também na década de 90, com objetivo de propagar a língua e a cultura espanhola no mundo. O instituto possui várias sedes em inúmeros países do mundo, inclusive no Brasil. Além disso, a inserção da lei nº 11.161 contribuiu consideravelmente para o cenário de ensino-aprendizagem desta língua, porque torna obrigatório para escolas públicas e privadas o ensino de espanhol no ensino médio.

Ainda sobre este contexto, a Espanha com o Instituto Cervantes, por possuir uma política mais “organizada”, ou seja, com uma construção melhor que a dos países latino-americanos, acaba se sobressaindo com relação à produção de materiais e à propagação da língua. Desta forma, esse é um dos motivos que faz com que o ensino do idioma espanhol nas escolas brasileiras fique limitado ao espanhol peninsular e, deste modo, leva ao esquecimento o fato de a língua espanhola assim como todas as línguas vivas, ser heterogênea, ou seja, apresentar variações linguísticas.

No ensino de Espanhol como língua estrangeira – E/LE, desconsidera-se, por vezes, o fenômeno de variação linguística, com a apresentação, ao aluno, de um único modelo de língua, como se essa fosse homogênea. O professor, muitas vezes, tem conhecimento de Sociolinguística e das variedades do Espanhol, mas lhe faltam recursos e materiais ou faltam pesquisas de natureza aplicada ao ensino (COAN; PONTES, 2013, p. 180).

Pelo fato de os alunos estarem habituados e, na maioria das vezes, por só conhecerem a variante peninsular, ao se depararem em contextos reais, diferentes dos que se vive na Espanha, a interação, ou seja, a comunicação com o outro se encontrará afetada e o indivíduo que tem o espanhol como língua estrangeira possivelmente encontrará muitas dificuldades em se comunicar com um nativo de um país latino-americano, como por exemplo, com um chileno, um argentino, um venezuelano, etc.

Como a escola dá preferência ao espanhol peninsular (e isso se deve a uma política mais estruturada em relação à expansão do espanhol e também pela criação do Instituto Cervantes) em comparação ao dos países latino-americanos, a língua espanhola é vista como homogênea e o ensino dessa língua fica restrito ao espanhol da península. Desta forma, é necessário que o professor introduza em suas aulas, materiais que abranjam outras variantes, porque assim, o aluno passa a conhecer a diversidade linguística, a entender o outro e a resolver problemas na interação quando ele se colocar em contextos reais de comunicação. Além disso, é

fundamental que o docente informe ao aluno que não existe uma variação melhor que outra e que ele também tenha o conhecimento de que em uma sala repleta de alunos pode surgir no discurso, na comunicação, falas que fujam da “norma-padrão” e assim, o professor possa identificar as variações e conscientizá-los de que não existe erro. Em uma situação como esta, o que é necessário é saber se a variação é adequada e aceitável naquele determinado cenário da comunicação. Assim sendo, não se abre espaço para o preconceito linguístico.

Há outros fatores que fortalecem o ensino do espanhol peninsular no Brasil e reforçam o mito da homogeneidade linguística espanhola pela percepção dos povos latino-americanos. No entanto, esse mito não se sustenta visto que na Espanha existem outras línguas como o catalão, valenciano, galego, basco ou euskera. Além disso, apresenta inúmeros dialetos como o andaluz, extremenho, murciano, canário.

Há aqui uma relação de analogia entre as palavras Espanha/espanhol, assim como Portugal/Português, o que reforça o mito do correto e do bem falar. Some-se a isso o fato da Espanha ser uma monarquia, o que lhe confere *status* e poder em relação aos países da América por ela colonizados (CAMARGO, 2004, p. 145, grifo do autor).

Quando falamos em língua espanhola, estamos falando de uma língua presente em mais de 20 países que conta com aproximadamente 500 milhões de falantes e apresenta inúmeras variações linguísticas sejam elas diatópicas, diafásicas ou diastráticas. Alguns estudiosos dividem o espanhol da América em cinco áreas linguísticas que atuam de maneira similar, são elas: México e América Central, Caribe, Andes, Rio da Prata e Chile. Além disso, há a Espanha com suas distinções de usos linguísticos.

Em se tratando do ensino do espanhol, no que se refere às variantes linguísticas, é importante destacar que as variações devem ser ensinadas enfatizando seus usos reais; ou seja, que o docente não se limite apenas à exposição das variações. Há diferentes maneiras de abordar as variações em sala de aula, e o uso de ferramentas mediadoras facilita o trabalho do professor e o aprendizado do aluno. Como exemplo de variação diatópica, o professor pode trabalhar as diferentes palavras que se usam, a depender do país, para dizer a mesma coisa, podendo-se utilizar músicas, filmes, entrevistas publicadas em jornais ou revistas etc. Além disso, pode ser explorado nas aulas, o uso do voseo<sup>3</sup>, como variação diatópica, entre outras, visto que existem diversas. Quanto à variação diastrática, o professor pode utilizar materiais que contemplem a linguagem referente a grupos de profissão, etnias, idade etc. Ademais, a variação diafásica que está relacionada com o fator estilístico, pode ser trabalhada, por exemplo, através do uso dos pronomes pessoais de sujeito (Tú, Usted, Ustedes, Vosotros) quanto ao uso formal e informal. Ainda sobre a variação diatópica, pode ser trabalhada a questão de que alguns falantes, a depender do país, preferem fazer uso do pretérito perfeito simples e outros do pretérito perfeito composto.

---

<sup>3</sup> Voseo é o nome dado ao uso do pronome “vos” ao invés de “tú” como forma de tratamento informal na segunda pessoa do singular. Ambos utilizam as mesmas estruturas gramaticais e os verbos que se associam com “vos”, nas frases, são conjugados da mesma forma que “tú” com exceção do presente de indicativo e imperativo afirmativo.

[...] cabe a cada professor buscar estratégias que considere mais viáveis para que seus alunos tenham um contato efetivo com o fenômeno da variação linguística e, desse modo, possam escolher de forma consciente qual variante do Espanhol devem utilizar, nos diferentes contextos comunicativos em que se encontrem (COAN; PONTES, 2013, p. 189).

Em face a esta realidade, é de extrema importância um ensino que abranja todas elas, principalmente as variações diatópicas, para que os alunos tenham conhecimento da diversidade linguística em virtude do espaço geográfico e saibam como e em quais contextos utilizá-las. Para isso, é necessário um planejamento de aulas adequado, eficiente e, que o professor não apenas exponham em sala as variações, mas que trabalhe seus usos por meio de diálogos com os alunos e através de outras atividades interativas (com auxílio de ferramentas mediadoras) que venham a surgir mediante a criatividade do docente.

## **5 METODOLOGIA**

Foi realizada uma busca inicial nas bases de dados do Google Acadêmico, Periódicos Capes e Scielo aplicando as palavras-chave, variação linguística e preconceito linguístico na aprendizagem de língua espanhola. As buscas sucederam entre janeiro e agosto de 2021.

Foram incluídos neste estudo, alguns artigos científicos, dissertação e livros nos idiomas português e espanhol que abordaram a variação linguística e o preconceito linguístico no processo de ensino e aprendizagem de língua espanhola, cultura e, também, que abordaram hipóteses de como o professor poderia abordar o assunto da variação e do preconceito em sala de aula. Dessa forma, o procedimento da pesquisa caracteriza-se como bibliográfico.

O estudo é de finalidade básica estratégica, porque proporciona que o conhecimento sobre o tema seja aprofundado, provocando reflexões que venham a se transformar em ações que possam combater o preconceito linguístico e solucionar os problemas causados por ele e pelas variações linguísticas, como por exemplo, o bloqueio do aluno quanto ao processo de aprendizagem de espanhol como língua estrangeira. Além disto, é uma pesquisa com objetivo descritivo, uma vez que, é baseada em assuntos teóricos, e foram utilizadas referências existentes sobre a temática.

A abordagem da pesquisa é de natureza qualitativa, visto que, através das leituras dos materiais teóricos que serviram de base para fundamentar o estudo, ocorreu o processo de interpretação destes materiais, para que assim, fosse possível chegar a prováveis conclusões. Ademais, o método é de cunho hipotético-dedutivo, dado que, a partir do problema causado na aprendizagem de espanhol, pelo preconceito e pelas variações linguísticas, foram estabelecidas proposições para a solução do problema.

## **6 CONCLUSÃO**

Pela observação dos aspectos analisados, compreendemos que o preconceito linguístico e as perspectivas equivocadas com relação à língua e as variações linguísticas, impedem o desenvolvimento do processo de ensino e

aprendizagem de espanhol como língua estrangeira, principalmente por gerar uma “negação” no tocante ao desejo de aprender a língua estrangeira.

É importante mencionar que o ensino de ELE deve ser pautado na interculturalidade e no ensino das variações linguísticas, não apenas de maneira superficial, ou seja, como forma meramente demonstrativa. Logo, é fundamental que o professor tenha clareza sobre as definições de língua, pela perspectiva de diferentes estudiosos, que tenha um amplo conhecimento no que se refere às variações da língua espanhola, considerando-as como consequência do processo de evolução da língua. Além disso, o professor deve estar atento para identificar e corrigir expressões que manifestam o preconceito linguístico, tanto nas falas dos alunos quanto nas suas, visto que, tudo que o professor expressa, principalmente por meio da fala, influencia no aprendizado do aluno, seja de forma positiva ou negativa.

Tendo em vista que o ensino da variante peninsular (espanhol da Espanha) no Brasil é potencializado devido a uma administração mais estruturada por parte da Espanha, em relação aos países latino-americanos e também, em virtude da criação do Instituto Cervantes com o objetivo de promover a língua espanhola no mundo, se faz necessário que o professor evidencie para os alunos a pluralidade do universo hispânico. Para tal, a utilização de ferramentas mediadoras facilita o ensino das variações e motiva o aluno a querer aprender a língua estrangeira, contribuindo de forma positiva para a aprendizagem. Ademais, o debate e a identificação do preconceito linguístico em sala de aula, é um assunto relevante para a comunidade estudantil e auxilia na quebra das concepções equivocadas acerca da língua, tal como a ideia da homogeneidade linguística.

Assim sendo, o professor deve estar sempre se autoavaliando para garantir um ensino de qualidade, marcado pelo uso das ferramentas mediadoras, para proporcionar aulas bastante interativas e garantir um desenvolvimento plural da língua espanhola, com discussões aprofundadas a respeito da heterogeneidade linguística e do preconceito linguístico, para que dessa forma, o aluno passe a adquirir novas concepções com relação ao tema. Logo, possibilitará relações interculturais que atuarão na construção e reconstrução da identidade dos alunos e, além disso, permitirá a manifestação de novas discussões sobre a temática, que atuarão no combate ao preconceito linguístico e, principalmente, motivarão os alunos a aprender a língua estrangeira.

## REFERÊNCIAS

ARAUJO, Leandro Silveira de; BUENO, Rafaela Giacomini. Posicionando-se frente à diversidade linguística: o caso do espanhol como língua estrangeira. **Revista do SELL**, [s. l.], v. 4, ed. 1, 2014. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/sell/article/view/419>. Acesso em: 9 jun. 2021.

AROSTEGUI, Maitena Etxebarria. La variación lingüística: precisiones en torno a la noción en diversas teorías lingüísticas. **Oihenart**: Cuadernos de lengua y literatura, Donostia-San Sebastián, p. 207-239, 2013. Disponível em: <https://www.eusko-ikaskuntza.eus/es/publicaciones/la-variacion-linguistica-precisiones-en-torno-a-la-nocion-en-diversas-teorias-linguisticas/art-23903/#>. Acesso em: 18 jun. 2021.

BAGNO, Marcos. **Língua, linguagem, linguística: pondo os pingos nos ii**. 1. ed. São Paulo: Parábola editorial, 2014. 136 p. ISBN 978-85-7934-097-0.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**. 56. ed. São Paulo: Parábola editorial, 2015. 352 p. ISBN 978-85-7934-098-7.

CAMARGO, Moacir Lopes. O ensino do espanhol no Brasil: um pouco de sua história. **Preconceito Linguístico**, Campinas, v. 43, ed. 1, p. 139-149, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/jYvZ8ksmdnr4ggjdCYjgjWN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 1 jul. 2021.

COAN, Márluce; PONTES, Valdecy de Oliveira. Variedades Linguísticas e Ensino de Espanhol no Brasil. **Trama**, [s. l.], v. 9, ed. 18, p. 179-191, 2013. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/20348>. Acesso em: 12 ago. 2021.

COELHO, Lidiane Pereira; MESQUITA, Diana Pereira Coelho de. Língua, cultura e identidade: conceitos intrínsecos e interdependentes. **Entreletras**, Araguaína, v. 4, ed. 1, p. 24-34, 2013. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/975/516>. Acesso em: 18 maio 2021.

COSTA, Marcos Antonio. **Estruturalismo**. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. (org.). Manual de linguística. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma de. **Vygotsky: a interação no ensino/aprendizagem de línguas**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Aquisição de segunda língua**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

REINALDO, Mathias Fleuri. Desafios à Educação Intercultural no Brasil. **PerCursos**, Florianópolis, v. 2, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1490>. Acesso em: 5 abr. 2021.

SOARES, Bernadete Maria Pereira. **Abordagem da cultura no ensino do espanhol dentro e fora da sala de aula**. 2012. 179 f. Dissertação (Mestrado em Ensino do Português 3º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário e Espanhol nos Ensinos Básico e Secundário) - Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.6/3376>. Acesso em: 11 maio 2021.